

# Ah, se eu fosse milionário...

(Este artigo foi publicado no jornal O POVO em 15 de julho de 2017)

Como qualquer beradeiro dos anos 1970, tempo em que os jovens acreditavam numa política decente, comprei todos os discos LP (vinil) da MPB e dos Mestres. Desde então, o violino de Vivaldi e a sanfona de Seu Luiz, filho de Januário, me cutucam feito a espada mágica de Merlin em Excalibur.

Vivaldi tem algo de inebriante. Abri minha última aula com “Inverno”, minha preferida, antes d’eu falar em bits e bytes. Um professor acaba levando à sala um pouco de sua alma momentânea. Afinal, a aula é uma arte que imita a vida... ou será o contrário?, diria Oscar Wilde!

Perguntei a meus alunos o que fariam se fossem milionários. Já tava meio sorumbático com as respostas, até que o Nicodemos quebra a corrente, “o mundo sou eu”, e se lembra do Bill Gates. Em 2000, Gates deixa a Microsoft e cria uma Fundação que promove pesquisa sobre a aids e outros massacres aos irmãos da África. Em 2006, Warren Buffett, outro mais rico do mundo, contribui com US\$ 30 bilhões, apoiando a Fundação do “concorrente”. No século 18, John Harvard lega a metade do seu patrimônio ao que viria a ser a primeira universidade americana.

Por que no Brasil nossos bilionários não fazem parecido? Cultura, educação ou ganância? Basta reparar numa noite estrelada do Cosmos de Carl Segan e perceber que somos o “cocô do cavalo do bandido” na imensidão Láctea. Acumular, acumular, acumular... Diga aí, mah, algo mais besta do que morrer bilionário? Quem se livrou do “fogo dos infernos” e do negócio da “vida eterna” sabe bem: nada mais divino do que melhorar a vida do outro! Quem são os nossos Gates, Buffetts e Havards brasileiros... e os cearenses?

Eu me faço esta pergunta sempre que um jovem esquelético limpa o vidro do meu fusquinha 4x4, esfomeado à cata de míseros centavos que, via de regra, costumamos negar com a empáfia de um dedo indicador feito limpador de para-brisa. Quantos destes jovens, “estrelas cadentes” imundas ao léu, seriam cidadãos de bem se a soberba bilionária os iluminasse, feito a magia de Vivaldi?

Quanto custa a um bilionário dar ao jovem de rua a mesma oportunidade dada pela “Dama do Lago ao Rei Arthur”, sua nobreza, a chance divina de um jovem de rua retirar a espada cravada na pedra, sua dignidade!

Ei, e você aí, o que faria se fosse milionário?

**Mauro Oliveira**

**Professor IFCE e pesquisador FUNCAP**